

VIII ENECIÊNCIAS 2024

ENTRE TUBOS DE ENSAIO E MEMÓRIAS: A JORNADA AUTOBIOGRÁFICA DE UM ESTUDANTE NEGRO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

Anderson Aquino dos Santos Junior
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
aquinosjunior@yahoo.com.br

Leonardo Moreira Maciel
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
leo.qt@hotmail.com

RESUMO

A pesquisa está inserida nos debates acerca da formação de professores de química. A análise considera o licenciando não tão somente como indivíduo, mas como sujeito que ocupa um lugar social. Assim, o objetivo da investigação foi evidenciar como o lugar social de um licenciando negro pode influenciar em sua formação inicial docente. A metodologia utilizada na pesquisa foi a autobiografia. A investigação foi desencadeada pelo questionamento: enquanto pessoa preta, como foi minha trajetória de formação docente no curso de Licenciatura em Química do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro? Ela resultou na maior consciência acerca das características e causalidades dos obstáculos transpostos pelo investigador-investigado ao longo de sua formação inicial, explicitando questões sistêmicas, estruturais e institucionais. Pode-se perceber que a vivência particular ressoou questões estruturais da sociedade brasileira, favorecendo o conhecimento em maior profundidade dos caminhos da formação inicial de professores de química no Brasil.

Palavras-chave: formação de professores, relações étnico-raciais, licenciatura em química, racismo estrutural.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

SEÇÃO 1: INTRODUÇÃO

A pesquisa autobiográfica é aplicada em diversas áreas do conhecimento, como a educação, a história, a sociologia e a antropologia (Abrahão, 2003). Ela permite uma compreensão profunda e contextualizada da realidade pesquisada a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, sendo recorrente na análise de processos de formação, de identidade, de relações interpessoais e institucionais. Alguns dos desafios a serem enfrentados pelos pesquisadores em um caminho autobiográfico (ou autonarrativo) é a utilização da memória como fonte de informação, pois a reconstrução das memórias inclui fatores como o tempo ocorrido desde o momento narrado, as emoções envolvidas, as expectativas do narrador/pesquisador. Contudo, a interpretação das narrativas revela aspectos importantes da realidade pesquisada por meio da reconstrutividade da memória e da subjetividade dos relatos, assumindo que elas são representações e interpretações particulares do mundo.

Marques e Satriano (2017) salientam que essa ferramenta metodológica de pesquisa tem sido utilizada para a compreensão da subjetividade humana, da produção de conhecimento científico e da formação profissional. Ela fundamenta-se na descrição, reflexão e introspecção tanto intelectual quanto emocional do narrador (em sintonia com autores escolhidos por ele dentro de um contexto sociocultural para interlocução teórica). Assim, nessa metodologia, o pesquisador não é neutro.

Ele vive uma dualidade de proximidade e distanciamento, de apropriação e estranhamento, de conforto e angústia. Propomos o diálogo como base entre o pesquisador e o narrador, quer sejam ou não o mesmo sujeito. O diálogo só é possível a partir da semelhança guardada as diferenças, isto é, preciso reconhecer o “eu/eus” e o “outro”. [...] Diversas são as possibilidades de registro da autonarrativa no qual são registrados os fatos como observados, assim como os sentimentos, as reações, os preconceitos, ou seja, são registrados tanto os aspectos cognitivos quanto afetivo-sociais (Marques; Satriano, 2017, p. 377-378).

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Enquanto método, na pesquisa autobiográfica a análise se debruça sobre as práticas e vivências destacadas pelos sujeitos a partir de um estímulo, depois há um processo de reconstituição da consciência histórica das aprendizagens realizadas ao longo da vida, considerando o que foi destacado (Santos; Estevam; Martins, 2018). Nesta pesquisa o estímulo foi o questionamento: Enquanto pessoa preta, como foi minha trajetória de formação docente no curso de Licenciatura em Química do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro? Essa pergunta foi respondida textualmente, de maneira livre, trazendo todos os aspectos que a memória indicasse, até mesmo aquilo que pudesse parecer irrelevante. A partir da resposta, diversos autores e fontes de dados foram consultados para aprofundar a compreensão das vivências e práticas, a fim promover um adensamento crítico sobre elas, e de se perceber possíveis relações com a dimensão sociocultural mais ampla.

Com isso, nesta pesquisa se investiga a narrativa de um licenciando em química, preto, em formação inicial na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por meio da análise de sua trajetória, de situações ocorridas e dos desafios enfrentados, abrimos reflexões relevantes sobre a formação inicial de professores de química, explicitamos influenciadores estruturais e sistêmicos que nela interferem e inferimos ações necessárias.

SEÇÃO 2: UMA PERSPECTIVA ACERCA DO PROCESSO DE EXCLUSÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO NEGRA

É um engano achar que somente com muito esforço e trabalho, se conseguirá alcançar os sonhos e os objetivos. Hipervalorizar o esforço e o trabalho são elementos da ideologia meritocrata. A “meritocracia é um conjunto de valores que postula que as posições dos indivíduos na sociedade devem ser consequência do mérito de cada um. Ou seja, do reconhecimento público da qualidade das realizações individuais” (Barbosa, 2003, p. 22).

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Essa ideologia faz crer que vivemos em um sistema justo, no qual quem se esforça vence e quem não se esforça perde, que há uma recompensa intrínseca atribuída ao mérito de cada um. Essa perspectiva se baseia na dimensão individual, ignorando raça, gênero ou nível social. Em tese, a meritocracia parece ser trazer um modelo justo e imparcial. Porém, na prática, fatores históricos e sociais como o racismo estrutural e a desigualdade socioeconômica, por exemplo, dificultam o acesso a oportunidades de forma igualitária, fazendo com determinadas pessoas tenham mais obstáculos e dificuldades do que outras, sendo a aplicação simplista de mérito uma abordagem, no mínimo, ingênua.

Enquanto licenciando em química, preto, interessa trazer para essa discussão a dimensão étnico racial. O racismo, como ideologia estruturante da sociedade (Almeida, 2019), molda até mesmo o inconsciente popular. Assim, conforme Almeida (2019, p. 51) “a soma do racismo histórico e da meritocracia permite que a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos.” Logo, a ideologia de meritocracia não pode ser considerada como forma de avaliação individual ou como um projeto de vida a ser seguido, pois a meritocracia não leva em consideração outros fatores sociais como parâmetro para avaliar a capacidade de um indivíduo para ocupar e acessar os espaços. A meritocracia pode inclusive perpetuar a desigualdade racial por não levar em conta os obstáculos e a discriminação que pessoas negras enfrentam.

A Organização das Nações Unidas¹ e o Mapa da Violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais² mostram que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. E segundo a Rede Observatórios de Segurança a cada quatro horas um negro é

¹ <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>.

² <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

morto pela polícia no Brasil. Das mais de 2.600 mortes em ações policiais em 2020, 82,7% das pessoas eram negras, e o Rio de Janeiro (minha cidade natal) lidera as estatísticas, pois dos seus mortos, 90% são pessoas negras³. Outro índice igualmente preocupante são os números relativos à escolarização no Brasil. Dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) Contínua Educação em 2019, a taxa de analfabetismo no país (Fig.1) é de quase três vezes maior entre pessoas pretas ou pardas do que entre pessoas brancas.

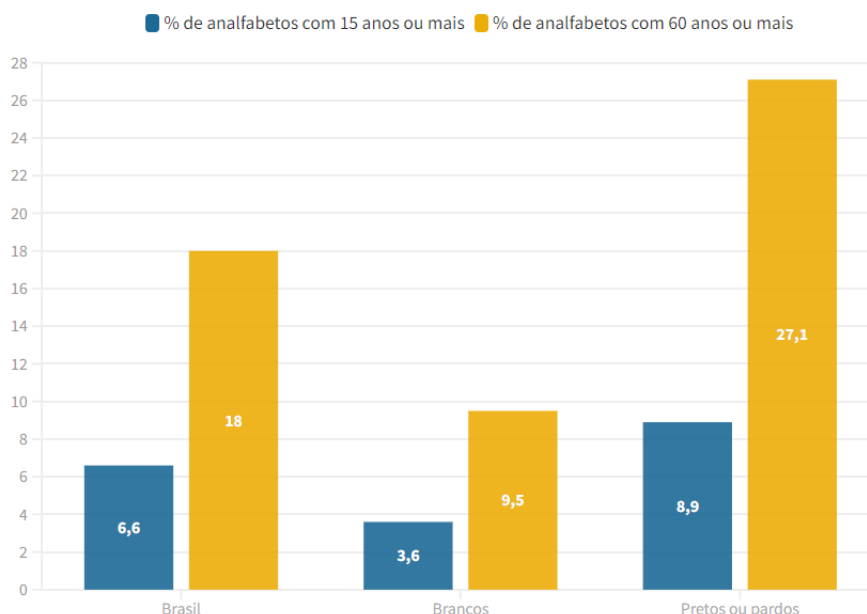


Figura 1 – Taxa de analfabetismo entre negros e brancos. Fonte: Bermúdez (2010).⁴

³ RODRIGUES, Cleber; FILARDI, Isabela. Negros somam 80% das mortes violentas de jovens no país, aponta estudo: as maiores vítimas são adolescentes entre 15 e 19 anos, de acordo com um estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Unicef. **CNN Brasil**, São Paulo, 15 dezembro 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-somam-80-das-mortes-violentas-de-jovens-no-pais-aponta-estudo/>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Esses números explicitam a vulnerabilização e a precarização educacional entre as pessoas negras no Brasil, consequência de um histórico escravocrata e discriminatório. Tais dados explicitam a influência que o racismo estrutural ainda tem sobre a sociedade.

Historicamente, boa parte da população negra sobrevive no mercado informal de trabalho, desde a “abolição” da escravidão, e atualmente essa realidade é reforçada pela falta de acesso à educação desse grupo, como os números apresentados mostram. Quando não nos empregos informais, nós, pessoas pretas, protagonizamos os cargos de subalternidade no mercado formal de trabalho. Segundo dados do estudo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” do IBGE (2023), em 2018, as percentagens de pessoas pretas ou pardas sem emprego e trabalhando na informalidade são 64,2% e 47,3,6%, respectivamente, ambos maiores do que o encontrado para pessoas brancas. A baixa empregabilidade pode ser decorrente da falta de acesso à educação básica e superior, que possibilitam alcançar mais postos. E ocupamos os menores lugares em cargos de confiança e no executivo (4,7%), segundo o Instituto Ethos⁵. O curioso é que ocupamos esses lugares de baixo status e remuneração, apesar de correspondermos a cerca de 54,9% da força de trabalho no Brasil (Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, IBGE, 2023).

Na minha turma de quarenta ingressantes no curso de Licenciatura em Química, talvez dez alunos tenham sido negros. Nessa imagem (Fig.2) da minha turma, mesmo que incompleta, estão todos os discentes negros. Dos doze integrantes, a metade trabalhava.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024



Figura 2 – Turma (incompleta) de calouros de Licenciatura em Química. Fonte: Acervo pessoal.

A construção do cenário atual tem origem na história do Brasil, no processo de dificultar e de impossibilitar a escolarização e inserção social da população negra. Desde a transição do trabalho escravo para o trabalho livre no século XIX houve restrições para os negros, produzindo efeitos sociais devastadores e que hoje são identificados e quantificados. Segundo De Barrosi (2016, p. 594), “a Constituição de 1824 determinava: ‘A instrução primária é gratuita para todos os cidadãos’ (BRASIL, 1824), porém entre os cidadãos estavam excluídos os escravizados. Mais tarde, o Decreto Couto Ferraz de 1854, que regulamentava o ensino primário e secundário da Corte instituía que no ensino primário “não serão admitidos a matrícula, nem poderão frequentar as escolas: [...] §3º. Os escravos”. A interdição também era para a instrução secundária (De Barrosi, 2016, p. 596).

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Na data de meu ingresso no ensino superior, eu era o jovem negro que conseguiu sobreviver à lógica excludente e à estatística de genocídio. Segundo nota técnica nº 10 emitida pelo IPEA a taxa de homicídios de negros no Brasil é de 36 mortes por 100 mil negros, a mesma medida para os “não negros” é de 15,2 (Cerqueira; De Moura, 2014, p. 6). Jovem que em sua infância sonhava em cursar uma universidade e ser médico. Sonho dificultado e impossibilitado pelos mecanismos de exclusão e de fragilização da população negra, que impedem o acesso a lugares, a espaços, a oportunidades e a bens de consumo.

SEÇÃO 3: DESAFIOS AO LONGO DO CAMINHO

Devido a falta de representatividade, após os semestres iniciais me senti sem referências, o que muitas vezes me desmotivava. Essa solidão de pessoas pretas em espaços que aparentemente não nos pertencem é prejudicial. Ao longo do curso fui conhecendo outras pessoas pretas, suas histórias, e observei as similaridades de dores, de sensações. Nós éramos semelhantes nesse lugar de dor e confusão mental, e dentro desse lugar de não pertencimento, de alguma forma, nós nos fortalecíamos.

No Brasil, a mobilidade social de uma família na pobreza para uma renda média pode demorar até nove gerações⁶, e dentro dessa estatística as famílias negras certamente são protagonistas devido ao histórico social deste grupo. Eles veem o ingresso no ensino superior como caminho para essa mobilidade.

Além do ingresso no ensino superior no Brasil, há um desafio talvez maior: a permanência (Torres et al., 2019).

Existem vários fatores que são desafiadores para um estudante que trabalha, como por exemplo: transporte, deslocamento, falta de tempo, o próprio trabalho, cansaço físico e mental,

⁶ Um elevador social quebrado? Como promover a mobilidade social. Como o Brasil compara? OECD, 15 junho 2018. Disponível em: <<https://www.oecd.org/brazil/social-mobility-2018-BRA-PT.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

falta de infra-estrutura para os alunos do noturno, questões psicológicas como ansiedade, afazeres domésticos, família, participação em eventos acadêmicos, dentre outros (Santos; Duarte; Santos, 2019, p. 33).

A falta de tempo nos impede de estudar com qualidade, de experimentar a vida na universidade com mais intensidade, de participar de atividades acadêmicas e até de cumprir carga horária em atividades complementares. Autores já sinalizaram impacto do fator tempo na formação inicial, definindo que as “condições temporais referem-se ao intervalo de tempo que o aluno tem para dedicar-se a trabalhos extraclasse, a fim de completar seus estudos e reforçar seu desempenho acadêmico” (Carelli e Santos, 1998, p. 1-3). E reconhecem que a formação no ensino superior “exige uma série de atividades dos estudantes, para as quais devem ser garantidas condições mínimas necessárias para o equacionamento das dificuldades frequentemente encontradas, de forma a viabilizar a formação humana e profissional aí pretendida” (Carelli; Santos, 1998, p. 01). Em minha experiência, percebi diferenças significativas entre os alunos do diurno e do noturno. Lembro de alguns poucos colegas de turma que não trabalhavam e já no segundo período faziam iniciação científica, e que na metade do curso estavam mais adiantados por terem oportunidade de cursar disciplinas no período diurno. Esses mesmos autores mostram que mais de 70% dos alunos do período noturno estudam mais aos finais de semana, do que os alunos do período diurno, e que cerca de 80% dos alunos investigados apontam o sono e o cansaço como principais fatores do mal desempenho acadêmico (Carelli; Santos, 1998).

Eu me vejo nessas percentagens. Durante minha graduação vivenciei uma cobrança firme pela excelência e competência dos alunos, que nem sempre conseguem corresponder às expectativas da instituição. Ouvi inúmeros casos de alunos reprovando em diversas disciplinas, especialmente em Cálculo e em Física. Estas disciplinas requeriam muito tempo de dedicação ao estudo e à prática. Porém, muitas vezes, eu chegava na aula depois da

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

jornada de trabalho e dormia, via colegas chegando mais atrasados do que eu, e logo depois descobri que eles desistiram do curso devido à falta de tempo, ao desgaste físico e mental e a tantas outras adversidades. Precisei enfrentar todas essas questões para terminar a graduação, que não acabou no tempo desejado, no tempo regular. Na figura (Fig. 3) abaixo expressei a quão pesada era essa rotina dupla, muitas vezes o corpo não aguentava e eu dormia nas aulas. Ela me rememora a sensação de frustração, pois ela foi feita no Centro Acadêmico do Instituto de Química (CAIQ), minutos antes do início da primeira aula da noite, durante a primeira semana de algum semestre letivo. Já na primeira semana eu estava totalmente desgastado!

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024



Figura 3 – Início do semestre letivo. Fonte: Acervo pessoal.

Foram muitos os atravessamentos vivenciados a cada semestre, o ser o primeiro da família a conseguir ingressar em uma universidade como a UFRJ, a dúvida em conseguir terminar, a incerteza de efetiva ascensão social e econômica.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Uma forma de atuar na modificação de cenários como aqui descrito e melhorar a situação de estudantes universitário trabalhadores em IFES, identificada em um estudo de caso realizado pela Universidade Federal Fluminense (Torres et al., 2019) com um grupo de 120 estudantes que trabalhavam, é a necessária construção e execução de políticas que considerem realidade dos alunos que trabalham, com conseqüente mudanças nos projetos político-pedagógicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luis De. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA, Livia . **Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BRASIL. Lei nº 514, de 28 de outubro de 1848. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 28 out. 1848. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-514-28-outubro-1848-559998-publicacaooriginal-82506-pl.html>>. Acesso em: 20 dez. 2023

CARELLI, Maria José Guimarães; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. **Condições temporais e pessoais de estudo em universitários**. Psicologia escolar e educacional, v.2, p. 265-278, 1998.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo De Castro; DE MOURA, Rodrigo Leandro. **Vidas perdidas e racismo no Brasil**. Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, v. 22, n. 1, p. 73-90, 2014.

DE BARROSI, Surya Pombo. **Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres**. Educ. Pesqui, v. 42, n. 3, p. 591-605, 2016.

IBGE. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Coordenação de População e Indicadores Sociais - Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível: <https://a.storyblok.com/f/134103/4fc74c19aa/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

MARQUES, Marília. 'A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência. **G1 DF**, 07 novembro 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa**. Linhas Críticas, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017.

RODRIGUES, Cleber; FILARDI, Isabela. Negros somam 80% das mortes violentas de jovens no país, aponta estudo: as maiores vítimas são adolescentes entre 15 e 19 anos, de acordo com um estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Unicef. **CNN Brasil**, São Paulo, 15 dezembro 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-somam-80-das-mortes-violentas-de-jovens-no-pais-aponta-estudo/>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

TORRES, Lidiane Silva; DE SOUZA, Ademir Hilário; DE SOUZA, Ana Paula Borges; ISTOE, Rosalee Santos Crespo. **Os desafios da permanência do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes (RJ)**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61858>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

UM elevador social quebrado? Como promover a mobilidade social. Como o Brasil compara? **OECD**, 15 junho 2018. Disponível em: <<https://www.oecd.org/brazil/social-mobility-2018-BRA-PT.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:

